

NOTA DE ABERTURA

O Boletim de Estudos Clássicos nº 66 chega aos seus leitores, com propostas de leituras que confirmam a vitalidade dos Estudos Clássicos enquanto participantes em educação e em formação, em vários níveis de ensino e em contextos mais informais. Paulatinamente, tem-se construído um caminho que reforça a contribuição da língua, da literatura, da arqueologia, da história e da filosofia, enquanto áreas específicas desenvolvidas dentro da abrangência da designação Estudos Clássicos e que, pela sua riqueza, merecem ser acolhidas e ouvidas pelos responsáveis pela educação.

Neste sentido, o perfil de aplicação dos Estudos Clássicos e das Ciências da Antiguidade à divulgação cultural e ao ensino, vocação primeira e linha editorial de privilégio no Boletim de Estudos Clássicos, reforça-se.

Assim, é notória, da parte das contribuições dos Autores que escreveram para este número, a opção por temas que implicam a comparação entre o passado e o presente; formas de atualizar para o mundo contemporâneo a recepção da cultura antiga; o confronto entre as sistematizações normativas na aprendizagem de línguas tão próximas, mas também tão diferentes, como são as línguas antigas e as modernas, suas descendentes ou com elas relacionadas. Continuadamente percebemos o esforço, plasmado nas propostas dos nossos Autores, de precisarem os caminhos que, a partir dos Clássicos, melhoram aspetos do presente e propõem uma renovação dialógica nos modos de se contemplar esse mesmo passado.

A ciência faz-se de questionamentos e, na investigação, há que temer, sobretudo, o excesso de certezas. E, durante este ano, nos *fora* mediáticos, nas academias, nos temas de congressos e encontros científicos, mas também nas publicações, que se multiplicaram como ofertas de reflexão e formação à distância de uma sessão zoom, surgiram interessantes e inquietantes questionamentos acerca do lugar dos Estudos Clássicos no *curriculum* das escolas de Humanidades. Em alguns ciclos, os Estudos

Clássicos são acusados de contribuir para disseminar, de alguma forma, o modelo civilizacional dos “homens brancos mortos”, em todas as suas facetas: patriarcalismo, racismo, misoginia.

Olhar para o passado a partir dos valores e dos ganhos civilizacionais do presente gera, a partir de um anacronismo objetivo, e, de certo modo, estéril (porque não podemos modificar o passado), um caldo de ressentimento que obnubila o facto muitíssimo mais relevante de a liberdade de expressão, o respeito pela diversidade individual, os direitos humanos consagrados universalmente, a igualdade sob a lei, o progresso humano a partir dos avanços da ciência e da tecnologia, a reflexão, a crítica, a arte e a literatura como expressões maiores da alma humana, estarem fortemente ancorados na rica herança cultural das civilizações grega e latina.

Se devíamos temer Urano, que não deixava os seus filhos nascerem e os condenava à sombra do desconhecimento e da ignorância, perigos não menos reais são os de Crono, que os devora, numa raiva estéril: conhecendo os seus filhos, e o que eles contribuíram para o progresso humano, impõe-se prevenir o erro de destruir de modo dogmático os elementos que, imitados, recriados, criticados e emulados, constroem e dialogam com o presente. Há que contrapor a calma do bom senso informado a certas fúrias iconoclastas apressadas que vão descendo, numa rampa deslizante que hoje questiona o ensino da *Odisseia* entre alunos de Humanidades e amanhã queima um livro de Astérix (quando justamente este pequeno herói gaulês ridiculariza e suplanta o soldado romano, o representante da potência dominante, Roma!) em nome de uma justiça reparativa que, ao banir os produtos da cultura humana, resvala para a perigosa ameaça da ignorância como virtude.

Por isso é tão importante o papel dos investigadores, dos professores e dos educadores, nesta recusa da desmemória e da ignorância como ajuste de contas.

Paula Barata Dias